CARTAS--ROMANCES.

PRIMEIRA CARTA.

S. Paulo, Março de 1859.

Pedes-me—que te escreva, porém sobre materia que valha a pena.— Vou satisfazer-te. Não me occuparei entretanto do que váe actualmente por aqui, vou antes, sem importar-me o tempo, pintar-te uma scenazinha que outr'ora aqui se dêo.

Conheço já de tempos nesta cidade uma preta cega, muito e muito velha, (um seculo vivo) com quem me apraz, as veses, conversar para ouvir-lhe as narrações dos tempos que presenciou; foi ella quem me forneceu o material do que te vou dizer. Nem fazes idéa; foi um manancial de contos e romances que eu achei.

Para que não te seja enfadonha a leitura revesti os factos de mais polidas fórmas e de côres mais proprias: fiz da narração da cega—um romancezinho. Julguei melhor assim; ao mesmo passo que te distrahia, exercitava-me tamben (il va sans dire) neste genero de trabalho.

E' pois a minha carta um pequeno romance; e juntas as que seguirem-se á esta, podem todas muito bem chamar-se cartas-romances.

A viuva baioneta.

Pelas ruas que vão dar no pateo de S. Gonçalo, échoavam duras, descompassadas e tristonhas as pancadas do martello sobre as grades da cadêa: eram nove horas, e fazia-se a costumada revista de todas as noites.

—Já não é cedo....a noite está tão fêia....que vou fazer por essas ruas.... vamos antes dormir.

Quem assim fallava era um moço estudante na cidade; estava parado no meio do pateo, e parecia indeciso porque lado seguisse. Tendo finalmente tomado uma resolução, dirigia-se para o lado da cadêa, nas proximidades da qual elle morava em um sobradinho.

Chegando em sua casa, subio a escada as escuras, empurrou a porta da varanda e entrou. Alguem, que estava deitado sobre uma meza, ressonava bemaventurosamente: era o seu criado. O estudante acordou-o e mandou fechar a porta da rua; abrio depois a do seu quarto, entrou, trancou-se por dentro e accendêu uma vela.

Uma meza coberta de livros e papeis, uma estante, uma rede armada em um angulo do aposento, uma canastra junto da rede tendo em cima alguns livros, uma cama e algumas cadeiras eram os trastes que avultavam na sala.

Elle, depois de ter accendido a vela, tinha-se atirado na rede que ainda oscillava com o peso do seu corpo. Era um bello mancebo, ainda bem moço; um ligeiro bigode preto e delicado apenas denunciava nelle a puberdade.

Depois de ter aberto e fechado um dos livros que tinha á mão, o largou e crusou os braços no peito, dando com o pé um novo movimento á rede, que tornou a balançar mansamente. Tinha cerrado os olhos, não dormia porém; parecia antes scismar; em sua bella fisionomia franca e doce via-se passar, como em um espelho, a turba-multa das idéas que se lhe agitavam na mente: como que entrevia-se na mobilidade de seu rosto a ondulação dos pensamentos que corriam por sua alma.

Subito, como assentando em uma resolução, levantou-se dizendo:

—Experimentemos, quem sabe se ainda uma vez serei feliz....oh! como anceia-me o peito a esperança de encontral-a mesmo em sonho!.. experimentemos.

Abrio uma gaveta, tirou della um retrato, e pondo-o sobre alguns papeis que havia na meza, permaneceu sobre elle em muda e attenta contemplação por largo tempo....

Era um retrato de mulher já de meia-idade, uma fisionomia quebrada e melancolica: percebia-se ainda em seus traços uma sombra de belleza, que parecia ter-se murchado, não pelo sopro dos annos, mas pela dôr. De quem seria elle? de uma mãe, de uma amante ou de uma irmã?

Nem mesmo o estudante sabía de quem era....

Uma noite, cinco ou seis dias antes, quando elle já estava em sua meza de estudo, ouvindo alguem subir a escada, mandou entrar: era uma velha embrulhada em uma mantilha quasi tão velha como ella; tinha as faces macilentas, seccas e enrugadas como um pergaminho de seculos, e a fisionomia dura e repulsiva.

Ficou em pé e immovel defronte do mancebo; um leve sorriso, que lhe dançava nos labios, dava-lhe ao rosto uma expressão extranha e assustadora; uma, como luz subtil, derramava-se de seus olhos, azulava-lhe a pallidêz do rosto e fazia de leve escurecer, em redór, a claridade da vela que alumiava o quarto.

—O que quer de mim, senhora? Disse o moço incommodamente impressionado.

—Eu....eu....O senhor póde dar-me algum dinheiro, póde, não é?.. Sou uma viuva....

Seus olhos estavam fitos e embebidos nos do mancebo, e seus labios finos e seccos, ironicamente contrahidos, deixavam apparecer os dentes pont'agudos e amarellos.

O estudante, cada vez mais atterrado em presença daquella hedionda figura, fazendo um grande exforço, pôde apenas dizer-lhe:

—Nada tenho, senhora....deixe-me, va-se embora.

—Então não me dá o que eu preciso....E seu olhar de fogo queimava as faces do moço, e os labios agitavam-se convulsivamente entre-abertos.

O estudante, abatido e humilhado, nem podia naquelle instante mover-se da cadeira em que se achava.

A velha, aproveitando o ensejo daquella prostração, saltou sobre elle com a velocidade de um gato, metteu-lhe as mãos no bolso, tirou-lhe a carteira, e sahio, lançando de longe ainda estas palavras:

—E tenha cuidado, nem uma palavra sobre isto! se não quer soffrer muito....muito....muito.... A sua voz pouco a pouco foi morrendo á medida que se afastava pelo corredor escuro.

O pobre moço nem teve forças para gritar pelos soldados da cadêa que estavam tão perto. Algum tempo depois foi que voltou á si, atonito e assustado como se acordára naquelle momento; levantou-se e foi abrir uma janella que dava para a rua. O ar da noite fez-lhe bem e lhe abrandou a commossão. O luar estava claro, mas a rua completamente deserta. Vendo um objecto que brilhava na calçada, foi buscal-o: era um retrato de mulher prezo á um trancelim de cabellos.

Eis por que nem elle mesmo sabía de quem era o retrato. Suspeitava apenas que a velha fôra quem o deixára cahir quando fugira.

Entretanto, desd'essa noite, um não sei que de misterioso e incomprehensivel prendia-o á aquelle retrato; sempre que em segredo (e elle guardava religioso segredo á respeito de tudo) contemplava o retrato, uma influencia extranha o dominava e fazia-o como que sonhar acordado: ficava sempre como agora está; vede-o:

Immovel, com a fronte encostada nas mãos e os olhos fixos e vidrados como os de um cadaver, continúa a estar em frente do retrato. Uma pallidêz mortal lhe cobre as faces, e os labios entre-abertos apenas deixam passar a respiração pesada e irregular. Dir-se-hia um morto que volta pouco a pouco á vida movido pelo galvanismo....

Além da sua respiração quasi estridente e difficultosa, e o crepitar da vela que se consumia no fundo do castiçal, nada mais ouvia-se no aposento.

Ao longe no céo, por uma janella, via-se a lua em mingoante surgir por entre negras nuvens que vagarosamente passavam entre ella e a terra. Alguns instantes depois o seu frouxo clarão, que entrava de revés pela janella, substituio a lus do castiçal, que se havia completamente extinguido, e alumiou o aposento.

E o moço, na mesma posição, ainda dormia o seu extranho somno.

Ao clarão do astro da noite a sua pallidêz, a immobilidade de seus olhos, e ao mesmo tempo as convulções intermittentes do resto de seu corpo faziam delle um ser phantastico....era um corpo sem vida, que estava ali, como arrancado á sepultura, e animado por um espirito extranho e misterioso....

Quando a lua se elevou no céo, o quarto ficou em profunda escuridão. E ao longe, a cidade e o mundo eram um tumulo silencioso, aclarado pelos raios amortecidos da unica vivente de taes horas—a vagarosa lua!

Era alta noite....

Poucas horas depois, quando a aurora desdobrou seu manto no horizonte, o aposento de novo illuminou-se. O moço tinha mudado de posição. Estava debruçado sobre o retrato, e agora dormia verdadeiramente; o sangue tinha tomado a sua circulação natural, e a respiração era livre, regular e tranquilla.

Algum tempo se passou, e uma pancada forte, dada na porta do quarto, fel-o extremecer e despertar: era o seu criado.

Ergueu-se, olhou espantado em redór de si, demorou, pensativo, sua vista sobre o retrato antes de guardal-o, e foi abrir então a porta ao criado que já segunda vez batia.....

Estamos em uma escura noite do mez de outubro. No espaço morno e silencioso como que ouviam-se as maleculas do ar se dilatando pela intensidade do calor: era um som vago, um som inexplicavel. Dir-se-hia—um surdo gemido lançado pela terra, que mal podia soffrer o peso da atmosphera que a cercava.

A cidade, muda e somnolenta, parecia entorpecida e prostrada pelo halito de fogo daquella noite, que se tinha debruçado sobre ella como um pesadelo de nuvens....

Via-se apenas passar aqui ou ali nas ruas, pela escuridão, uma sombra isolada: era talves algum padre, um soldado, um estudante, ou quem sabe, uma filha do peccado que corria após o seu destino....

Um vulto, desses que raros se viam em taes horas, descia apressado pela—Rua da Gloria. Chegando quasi ao fim della, parou junto de uma pequena casa que ali havia e bateu de manso.

Uma mulher immediatamente abrio-lhe a porta, e, logo que o conheceu, fez-lhe signal para que não fallasse.

—Olhe, disse baixinho, ella está aqui na sala, e póde ouvir-nos.

—Então já vejo que nada conseguio....

—Vamos ahi para fóra, ella póde ouvir-nos.

E ambos sahiram do corredor da casa para a rua.

—Mas conte-me, mãe Thereza, ainda não cedeu a nada a minha teimosa?

Depois de pequena pauza, a velha interpellada, como que temendo responder, disse em voz baixa:

—Quasi nada ainda ...A menina não quer ouvir-me; chora e desespera-se quando lhe fallo á seu respeito.... mas fique certo que hei de vencel-a: é uma cabecinha muito cheia de fumaças, é preciso tempo.

—Escute, mãe Thereza, veja se ella consente em fallar-me agora.

—Não, não, disse a velha em tom de comedia, isso não se faz assim; é peiór teimar muito. Descance em mim e tenha paciencia....oh! que homem! ella não ha de se derreter....está muito anciado?....

A velha sorria-se maliciosamente, dizendo estas palavras.

—Ainda em cima graceja! pois olhe, quando menos pensar, cerro os cordões da bolsa e adeus amores.

A velha, a taes palavras, ficou tão assustada como se a mão invisivel do diabo lhe désse no escuro um bofetão. Mudou immediatamente de tom e de lingoagem:

—Quer o senhor saber? Amanhã torne a vir e hade achar as cousas já mudadas. Eu heide trabalhar com ella; é uma tolinha que nem sabe o que quer....O que não fiz hoje meu Deus! veja, até ameacei-a de cortar-lhe os cabellos, que ella tanto estima.

—Isso não, seria peccado cortar uns cabellos tão bonitos!

—Pois olhe, já prometti e heide cumprir: se ella não quizer ouvir de todo os meus conselhos, heide cortal-os, e bem rente! E' ser muito atrevida....

Uma coruja, que esvoaçava em torno delles, passou piando tristemente por junto da velha. e deu-lhe com as azas na cara, cortando assim a phrase impiedosa daquelles labios impudentes. O acaso mesmo parecia encolerisado contra aquella mãe sem coração, e mãe duas vezes, que mercadejava assim com a honra de sua neta.

Grossas nuvens passavam no espaço, bem proximas da terra, murmurando com sua voz medonha e surda um canto de ameaça contra o mundo; ou, quem sabe—uma maldição sobre aquella cabeça criminosa, que nesse instante calculava um proveito em troco da ignominia de seu proprio sangue.

—Ouve como troveja, disse o moço; vou-me antes que chova; adeus...

—Escute, amanhã mando buscar em sua loja o que o senhor me prometteu, sim?

—Mande; e não se esqueça tambem de sua promessa....até amanha.

E o desconhecido desappareceu na escuridão da noite.

.....

Na manhã que seguio-se á esta noite de nuvens,—manhã serena e perfumada, quando o sol levantou-se e illuminou a cidade, a unica janella da casinha já estava aberta e os raios horizontaes do astro que nascia, entrando por ella, inundaram a sala.

Em frente de um pequeno espelho, que pendia de uma das paredes da sala, penteava-se uma moça; no bronzeado castanho de seus cabellos, desatados ao longo de seu corpo, quebrava-se em mil e mil centelhas a luz do astro da manhã: que lindo quadro aquelle! —e quando ella levantava nas mãozinhas as nuvens do cabello, e, os braços erguidos, arqueava-se toda para ver-se melhor no pequenino espelho, era uma fada ainda afadigada de seu voô, que pousava naquelle instante sobre a terra em graciosa postura, a meio inda suspensa em suas azas de nuvens....

Infeliz menina!....e tão pura, como as auras da manhã que ella aspirava, era uma victima preza ás grosseiras mãos de sua avó,—a velha avarenta que tinha já vendido sua innocencia e a paz de seu futuro!

Depois de ter reunido os seus abundantes cabellos em duas tranças, que debruçou nos hombros, a ingenua mocinha veio sentar-se perto da janella, e ficou ali por algum tempo calada e pensativa. Aquecida aos raios do sol, que se empinava no céo, ella pouco a pouco reanimou-se, e a nuvem de tristeza que de leve empallidecia-lhe as faces—como a nevoa do cimo das palmeiras—a pouco e pouco foi-se desfazendo. Ergueu os olhos, e sua alma pareceu identificar-se com a limpidez e o doirado-azul daquelle mar de luz....

—ah!....

Um desejo indifinido passo-lhe frouxo pelos labios, como um som ligeiro que a briza sente apenas.... e de seus olhos, pretos como a noite, fugiram duas lagrimas tremendo!....

Uma rizada prolongada e surda fel-a extremecer e levantar-se assustada. Era sua avó que tinha entrado na sala, e a contemplava, rindo-se ironicamente e balançando o corpo em ar de mofa com as mãos sobre as cadeiras.

—Já sei, senhora Luizinha, já sei, está esperando que venha lá das nuvens o maridinho de azas com quem sonhou esta noite!....

—Eu, minha avó, pensava em minha mãe, que está no céo....

E a pobre mocinha, pallida e tremula, nem tinha forças para encarar sua avó, que a dominava com os olhos, como a serpe venenosa que procura attrahir a fragil avezinha.

—Estás com medo de mim, Luiza? Disse a velha, adoçando ao mesmo tempo a voz e a expressão do rosto.

A moça nada respondeu. O seio oppresso de dôr e cheio de lagrimas não lh'o permettia.

—Por que não me queres como querias á tua mãe....eu tambem não sou tua mãe? Vem, vem sentar-te ao pé de mim.

A velha se tinha sentado em uma cama que havia ali.

—Vae primeiro, disse, fechar aquella janella.

A moça obedeceu, e depois aproximou-se de sua avó.

—Senta-te, senta-te aqui. Por que tremes assim?

Um pouco animada por aquellas meiguices a que não estava habituada, em vez de sentar-se, se debruçou no seio da velha e derramou nelle uma torrente de soluços.

—Minha avó....eu tenho medo....E os soluços abafaram-lhe a voz.

—De que, louquinha, de que tens medo? E a velha fingia uma carantonha de compaixão.—De que tens medo?

Ficaram mudas e abraçadas por alguns instantes. A velha renovando sempre sua carantonha de piedade, e a menina soluçando sempre.

—Mas, disse a velha entre dentes, é preciso....é preciso....Levanta-te, disse asperamente, deixa-me; estás molhando e estragando o meu chale com tuas lagrimas....

Sua fisionomia tinha reassumido a dureza que lhe era natural, e sua voz havia subido ao timbre de falsete desagradavel e secco.

Nas faces da moça, que estava em pé defronte della, as lagrimas tinham-se gelado como que sentindo a friez que de novo apparecia no semblante de ferro de sua avó.

—Luiza, elle hade vir esta noite, e tu....

—Minha avó!....minha mãe hade morrer de vergonha lá no céo!...

E a infeliz ficou branca e fria no meio da sala sem mais dizer uma palavra. Nem ao menos podia chorar; estava como fulminada.

—Tua mãe, disse a velha com um sorrizo amargo e consentrado, tua mãe tambem foi vendida como tu!....

A' taes palavras, um calafrio percorreu o corpo da moça, e fel-a extremecer como um cadaver tocado pelo gume do escalpello.

—E julgas que vales mais do que tua mãe e do que eu? Hasde obedecer-me, eu quero, ouves?

—Minha avó!....

—Ouves? Ouves?....Repetia a velha agarrando-a com força pelos hombros.—Hasde obedecer!....hasde obedecer!....Seu olhar de chammas estava cravado nas palpebras da moça, e seu halito roçava nas faces della como uma lamina em braza.

Como se aquelle olhar lhe ferisse o coração, a moça foi desfallecendo....desfallecendo tanto, que parecia prestes a cair.

—Senta-te, disse a velha largando-a, não ouves....senta-te!

Ella obedeceu vacillando, e foi sentar-se na cama. Na fronte, branca como o singelo vestidinho com que estava, borbulhava-lhe o suór frio e gelado; seu rosto, como o de um automato, nem tinha côr nem expressão: fascinada pela vontade vigorosa de sua avó, estava completamente vencida.

A velha deixou-a ali, e retirou-se para o interior da casa murmurando uma blasfemia.

.....

Já quasi ao anoitecer desse dia ella estava na cosinha, acocorada junto ao fogo preparando a ceia, e fallava baixo com grande animação.

—Ah! ah! a velha baioneta ainda desta vez hade vencer....hade vencer.... Todo o seu corpo tremia movido por grande exaltação nervosa, e seus dentes rangiam.—Ah! a velha baioneta é de aço, não se verga....—Safa, safa tinhoso!... E atirou de encontro á parede um feio gatinho que se havia aninhado em seu vestido.—Ella pede por sua mãe....ah! ah! ah! por sua mãe!... A agitação de seu corpo foi desapparecendo como que exhaurida na surda rizada que lhe passára em convulsivos borbotões pela garganta; ficou muda e calma por instantes.

Ouvia-se a panella á ferver, e o miar lastimoso do gato que de um canto escuro fitava enraivecido na velha seus olhos phosphorecentes.

—E o retrato de sua mãe.... podia render-me alguma cousa, e está perdido!— maldicto estudante que me fez correr como louca pelas ruas!.... ah! mas tenho a sua carteira.... a velha baioneta sabe viver...sabe viver.... bem dizia o defuncto.

Ella referia-se á seu marido, antigo soldado conhecido pelo appellido—o baioneta. Por ter sido sua mulher ficára tambem com esse nome:—a velha baioneta, ou a viuva baioneta.

—Heide ter muito dinheiro....elle vem hoje... hade vir, e ella está vencida....—coitadinha!.... disse em ar de mofa, ainda nada comeu hoje!....está vencida....—ah! meus olhos têem muita força....eu sei....eu sei....tenho a vontade nos olhos!....

Seu corpo agitava-se de novo em intermittentes convulções; e ao clarão avermelhado das lavarédas do fogo, unica luz que alumiava aquelle antro, as contracções de seu rosto eram terriveis; como que uma dôr immensa roía-lhe as entranhas, tal era o desespero e as ancias que pintavam-se em sua fisionomia.

De repente, um turbilhão de fumaça e de chammas levantou-se até o telhado, e a velha desapparceu no meio delle. Um grito suffocado e estridente partio da espessa nuvem, e, ao mesmo tempo, o gato fugio de um salto pela porta.

.....

Havia quasi de todo anoitecido. A moça estava ainda sentada na cama como de manhã; tinha a fronte inclinada no peito, e as mãozinhas juntas sobre o collo: era uma figura de gelo tão branca e fria como estava; sua unica vida era a respiração intensa e desigual que agitava-lhe o seio. Parecia dormir á julgar-se pela immobilidade de suas palpebras quasi fechadas.

De subito, como tocada por uma impressão misteriosa, abrio os olhos e levantou-se: vidrados e parados nas orbitas, seus olhos, como dous olhos artificiaes, não fitavam-se em ponto algum e nada viam. Como se houvera adivinhado, pois que nem um rumôr fazia-se fóra, foi abrir a porta. O moço estudante, que já conhecemos, entrou por ella immediatamente, muito e muito pallido; trazia cerrado nas mãos o retrato que tamanha alteração produzira em seu modo de existir, desde que o achára.—Tambem elle, como a moça, parecia então um automato movido por uma vida ficticia e artificial.

Como obedecendo á uma vontade unica e superior, ambos ao mesmo tempo dirigiram-se para o interior da casa. Não tinham trocado uma

palavra, nem mesmo seus olhares haviam-se encontrado ainda uma vez. Como que andavam movidos por molas occultas, tão desuzado e sem vida era o movimento forçado de seus passos automaticos....Assim juntos, assemelhavam-se á dous actores-cadaveres do tablado de Galvani.

E assim chegaram á entrada da cosinha. O fogo ahi ainda estava acceso, e suas chammas vacillantes avermelhavam as paredes denegridas de fumaça. Ao pé do fogo jazia a velha toda queimada e suja pelas cinzas de sua roupa. Os dous moços encaminharam-se para lá; quando aproximaram-se, como se fôra tocado por um peixe electrico, todos os membros do cadaver extremeceram violentamente; seu peito intumeceu-se e um prolongado suspiro esvahio-se assoviando pela garganta. Igual extremecimento correu pelo corpo de ambos, e subita mudança operou-se nelles.

Desfazia-se então instantaneamente o extranho encantamento que os envolvia em misteriosa têa; olharam-se espantados como se naquelle momento despertassem de longo pesadelo....

—Ah! finalmente vos encontro! disse o estudante, apertando meigamente a mão da moça, eu vos via muitas vezes por entre a nevoa de meus sonhos, quando este retrato me fazia dormir acordado e sonhar como dormindo....

—Esse retrato....eu vos vi com elle, quando, ha pouco ainda, tambem estava adormecida, é o retrato de minha mãe....minha avó queria vendel-o....

A moça interrompeu-se de subito, reparando então para o cadaver da velha. Pouco a pouco seus olhos encheram-se de lagrimas, e suas faces, pallidas, fizeram-se mais pallidas ainda.

—Ah! disse tristemente, no mundo só a imagem de minha mãe me resta agora!...

E cheia de confiança e de candura, ingenuamente reclinou a fronte no peito do mancebo, como uma innocente menina se recosta, descuidosa, nos braços de um irmão.

.....

Muitos mezes haviam decorrido. No pequeno sobrado do estudante estavam elle e uma moça sentados perto da janella que deitava para a rua. Conversavam docemente, e o sussurrar amoroso de suas phrases assemelhava-se ao vago murmurio de uma noite de luar, limpida e fresca, quando se derrama por sobre movediços plainos de mattas seculares...

—Faz hoje um anno, Guilherme, que minha avó morreu...

—Não, não fallemos della, Luiza; agora mesmo ainda gela-se-me o corpo quando a sua figura macilenta me passa na imaginação. Dize antes, proseguio o moço, que faz hoje um anno que nos encontrámos... E um delicioso beijo enrubeceu de leve as faces de sua mulher.

A lua no céo, meiga e solitaria, derramando sobre elles seus raios prateados, alumiava aquella scena de felicidade.

A. B. Campos.